

FLASH

Animação Pastoral Juvenil Salesiana

Número 6. Julho 2024



Onde Deus nos quer

Acompanhar os primeiros sonhos
vocacionais

Pe. Miguel Ángel García Morcuende

Conselheiro Geral Pastoral Juvenil

SETOR PASTORAL JUVENIL
Salesiani di don Bosco SEDE CENTRALE SALESIANA



Onde Deus nos quer

Acompanhar os primeiros sonhos vocacionais

Pe. Miguel Ángel García Morcuende

Conselheiro Geral Pastoral Juvenil

1 Um chamado vocacional sob a forma de sonho

[a] Nenhum sonho é trivial. Os sonhos são importantes e sempre caracterizaram uma parte da vida humana. Na antiguidade, acreditava-se que os sonhos permitissem a comunicação com o sobrenatural. Hoje, a ciência diz que eles manifestam as profundezas da personalidade. Não há muita distância entre as duas ideias: Deus age realmente nas profundezas do ser humano. Os israelitas acreditavam que os sonhos revelassem mensagens, profecias e visões divinas; aqueles que conseguiam interpretá-los gozavam de grande prestígio.

Hoje também falamos de sonhos de olhos abertos – devaneios -, que cultivamos sem necessariamente dormir e que podem marcar o nosso futuro. Todavia, já nos perguntamos alguma vez o que significa sonhar? **Não**

será verdade, talvez, que todos nós já sonhamos de olhos abertos, acordados, alterando assim os nossos corações e o nosso futuro?

Dom Bosco recorda o sonho dos nove anos nas *Memórias do Oratório*, um de seus escritos mais pessoais. O manuscrito dessa obra foi escrito no período de 1873-1875 e concluído nos anos de 1877-1879. Entre outras coisas, trata-se de uma inspiração para entender *o primeiro chamado sobrenatural percebido por um jovem*. Em suas mesmas palavras:

“Quando, em 1858, fui a Roma para falar com o Papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Conte então pela primeira vez o sonho que tive na idade de 9 a 10 anos. O Papa mandou-me escrevê-lo literalmente e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da Congregação”.

Olhar para a experiência do surgimento da vocação de Dom Bosco pode ajudar-nos, certamente, a entender melhor esse chamado que “ficou profundamente impresso na sua mente por toda a vida”. Quantas experiências, sob a forma de sonho ou reais, ficaram profundamente impressas em nossa biografia?

O relato de Dom Bosco assume a forma de doutrina pedagógica. Em outras palavras, se fotografarmos esse momento, *o sonho contém em seu núcleo um potencial suficiente para entendermos um pouco melhor como acompanhar os jovens em seu itinerário vocacional.*

[b] A primeira coisa que salta aos olhos é que o sonho é um “gênero literário” que nos permite transformar algo comum, acontecido ou não, em algo absolutamente extraordinário, aos olhos e ouvidos de quem o escuta. No relato autobiográfico do chamado vocacional de Dom Bosco, aparecem *expressões simples de um menino que deseja estudar, tornar-se sacerdote, deseja conviver com os amigos, ajudá-los, fazer-lhes o bem e ensinar-lhes o catecismo.* O episódio indica-lhe: o campo de trabalho (animais selvagens, símbolo dos jovens abandonados e em perigo); o método educativo (não com pancadas, mas com mansidão e caridade); as qualidades do educador (humilde, forte e robusto), a Mestra e a sua ajuda (a Virgem, sua mãe) e os frutos (cordeiros mansos e felizes).

Muitos jovens não sabem que Deus tem um sonho para cada um deles, um projeto feito sob medida. **Por trás do sonho de Deus, há sempre uma enorme alegria.** O segredo da tão almejada felicidade é justamente o encontro e a correspondência de dois sonhos: o nosso e o de Deus.

Daí a importância dos sonhos no mundo dos jovens: neles, encontram a sua felicidade. Eis porque é importante acompanhar esses primeiros chamados que abrem caminho para

um projeto de vida e a sua realização. A conclusão é clara: deixar de sonhar leva a um déficit vocacional.

2 A vocação é um jogo de graça e liberdade

Somos e vivemos com decisões e mudanças

[a] Existem muitas maneiras de viver a existência, mas apenas algumas delas engrandecem uma pessoa deixando-a com uma sensação de realização. Elas têm a ver com as escolhas e mudanças que fazemos e que orientam a nossa vida e as nossas ações. **Não são as nossas qualidades a nos definir, mas as nossas escolhas.**

Dado que “o tempo é superior ao espaço” (*Evangelii Gaudium*, 222), devemos iniciar e acompanhar os processos de animação vocacional, não impor itinerários. Trata-se de processos de pessoas que são sempre únicas e livres. Na aventura de descobrir a própria vocação, não precisamos de emoções fortes, mas de *certezas humildes que ajudem a tomar decisões sensatas e coerentes.* A sua importância é reforçada pelo fato de que, ao decidir (geralmente pequenas decisões), fazemos escolhas e crescemos porque orientamos a nossa vida, damos-lhe uma direção.

O fruto do acompanhamento não está na decisão entre o “sim” e o “não”. No final, as respostas pessoais devem ser orientadas ao “sim” para alguma coisa. Buscar com autenticidade a vontade de Deus sobre mim deve levar-me a assumir um sim, uma resposta positiva ao projeto de vida.

[b] “Sentir uma vocação” para algo e escolhê-lo **significa perceber-se convidado por uma realidade maior que dá sentido à própria vida.** Sem dúvida, na vida, escolher, sonhar, decidir são coisas que implicam assumir a responsabilidade pelas consequências des-

sa escolha. Tudo isso gera *ansiedade, desconforto e até medo*, especialmente quando estão em jogo questões fundamentais como a universidade a escolher, o mundo do trabalho a explorar, o estado de vida a assumir.

Entre as expressões mais repetidas nos textos bíblicos está, sem dúvida, “não temas” (cerca de 41 vezes no Antigo Testamento e 27 no Novo Testamento). Predominantemente proferida por Deus ou por um dos seus mensageiros, ela introduz, na maioria dos casos, um chamado vocacional. Ou seja, *um convite a realizar um projeto de vida que envolve totalmente a pessoa que o recebe*. É interessante notar que muitas vezes o destinatário da mensagem é invadido por uma sensação de perplexidade.

Às vezes, o medo transforma-se em resistência para enfrentar os próprios sonhos, por medo de fracassar, de não estar à altura, do julgamento dos outros, de trair as expectativas que depositaram em nós. Em outras palavras, é a vertigem de conciliar os desejos para o futuro e a incerteza do presente.

Jeremias implora: “Ah! Senhor, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança” (*Jr* 1,6); Isaías reage da mesma forma: ““Ai de mim. Estou perdido porque sou um homem de lábios impuros, e hábito com um povo de lábios impuros e, entretanto, meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos!” (*Is* 6,5), e muitos outros. Todos aferem a enorme desproporção que há entre o exigido por Deus e a realidade em que se encontram, e isso os faz tremer.

Jesus convida-nos repetidamente a não ter medo, a não nos deixarmos paralisar pela vertigem das decisões, porque, aos olhos de Deus, temos muito valor e, como Pai, ele se importa e cuida de nós.

[C] Em outras palavras, a grandeza do projeto de Deus para os jovens faz com que eles se sintam inadequados e nunca preparados para isso. “Eu tinha apenas nove anos de ida-

de”, escreveu Dom Bosco, “quem estava me pedindo para fazer algo impossível?”. O santo de Turim passou a entender gradualmente o sonho de 1825. Somente em 1846 o Padre Cafasso aconselhou-o a dar crédito aos seus sonhos como parte de um plano divino para o benefício das almas. Como neste caso, nós também devemos acompanhar os jovens para que eles não duvidem da **eficácia da promessa do Senhor que lhes permite “mirar alto”**.

A força da juventude é esta: se capaz de sonhar longe podendo *resistir também às delusões mais fortes*. É a força de uma idade feita para sonhar grandes coisas para as quais se veio ao mundo, independentemente do que os outros dirão, do medo de correr riscos ou da tentação de ceder aos outros.

Quantas vezes, como no final da narração do sonho de Dom Bosco dos 9 anos, já nos ofereceram diferentes interpretações do que sonhamos? No caso de Dom Bosco, os membros da sua família leram o sonho desde diferentes perspectivas: do derrotismo (seu irmão José), do ceticismo da avó (quicá fosse um desejo de criança, um pequeno surto de generosidade) ou, finalmente, da esperança (sua mãe: “talvez serás sacerdote”).

Assim como Mamãe Margarida, o Papa Francisco afirma que “um jovem não pode ser desencorajado; é próprio dele sonhar coisas grandes, buscar horizontes amplos, ousar mais, ter vontade de conquistar o mundo, ser capaz de aceitar propostas desafiadoras e desejar contribuir com o melhor de si mesmo para construir algo superior” (*Christus Vivit*, 15).

Todos nós estamos no sonho de Deus

[a] Deus nos chama pelo nome porque nos ama. Os discípulos são chamados um a um pelo nome, um sinal distintivo da própria singularidade. Nesse chamado, vivem uma relação profunda e íntima com o Senhor, sen-

tem-se amados; e é justamente devido a esse amor, nascido de uma relação tão especial, que os discípulos tomam a decisão de seguir Jesus. E, transformando suas vidas, fazem-no radicalmente, pelo envolvimento da pessoa inteira, sem segundas intenções. Essa irreversibilidade da resposta ao chamado de Jesus dá início ao projeto de Deus, a missão da qual cada um é chamado a participar.

Além disso, todo jovem é precioso não só porque Deus o ama, mas também porque o criou: *existe um projeto para cada um*. A vocação é entendida, numa leitura de fé, como o processo de escolha pessoal que leva a uma opção. No caso de São João Bosco, o sonho dos 9 anos acompanhou-o durante toda a vida, motivou-o, obrigou-o a pensar e a agir. Do ponto de vista da fé, esse processo é um ato de fé no qual “escolher” é “ser escolhido” por Deus, associado a outros e protegido na fidelidade daquele que, com sua graça, antecipou a nossa resposta.

Todas as escolhas de vida, de qualquer tipo e em qualquer idade, são respostas a **uma vocação, a um dom não merecido**, não a outra atividade. Satisfaz à felicidade. A vocação é uma escolha (de Deus) para a nossa felicidade, uma resposta nossa por sentir-nos amados. E o amor é oxigênio, dá vida, gera e regenera a vida. Duplica a vida: é possível que todos vivam uma vida melhor.

De fato, a vida de cada um tem um significado maravilhoso, mas também é preciso dizer que a vida que Deus sonhou para nós não corresponde a uma vida de prestígio ou de destaque social. Somente um sonhador como Dom Bosco poderia inspirar outros a deixarem tudo para dedicar a própria vida, sem reconhecimento ou glória, ao serviço dos jovens mais pobres.

[b] Eis porque precisamos recarregar muitas vezes a nossa força e a nossa coragem.

Elas derivam da **perseverança nos momentos difíceis da realização dos nossos sonhos**: a dor é o cinzel que faz com que uma obra de arte saia da madeira. Os diamantes são formados nas entranhas da terra, submetidos a pressões e temperaturas inimagináveis. Isso significa que não devemos descartar nada das nossas experiências, porque em cada coisa há uma graça, mesmo naquilo que ainda não entendemos e, conseqüentemente, do que ainda não fomos beneficiados.

Os sonhos de Deus não são realizados como por “mágica”, automaticamente. O verdadeiro segredo para a realização dos sonhos é o desejo apaixonado. Alcançamos verdadeiramente as nossas metas não quando evitamos as dificuldades, mas *quando aprendemos a enfrentá-las sem atalhos*. Confiança, paciência, contentção, tenacidade, capacidade de mudar... são ingredientes para podermos colaborar na realização do grande sonho de Deus para cada um de nós. Em resumo: seria obviamente coisa de cegos não perceber que *a vocação não pode ser descoberta por ninguém a partir de fora*.

A dinâmica do encontro com o Senhor é exatamente esta: buscar, seguir, habitar. Essas são também as atitudes essenciais para conhecer e viver o amor. Busca-se o amor com o desejo; é preciso segui-lo por caminhos, às vezes cansativos e cheios de contradições, mas, se é seguido, acaba-se por reconhecê-lo e nele se permanece, se habita.

3 Servir o jovem no lugar onde ele se deixa encontrar por Deus

A Congregação Salesiana é uma família eclesial jovem, em idade vocacional. Seria um grave erro silenciar ou desprezar a proposta vocacional; acreditamos que Deus continua a chamar! A vocação é algo que se refere a cada pessoa e a cada cristão. É um termo com uma única raiz e amplos horizontes. A vocação dá

uma direção à vida, facilita a experiência da alteridade, não tem sentido restritivo, referindo-se apenas àqueles que seguem o Senhor no caminho da consagração. A pergunta é: qual é a minha contribuição no mundo?

O nosso carisma salesiano contém em suas profundezas um potencial suficiente para gerar uma proposta vocacional ampla às novas gerações. O que é ao mesmo tempo um dom e um desafio. Obviamente, isso implica que a *qualidade do acompanhamento* e, como outra face da moeda, o discernimento vocacional, devem ser tratados com atenção: o acompanhamento vocacional deve ser realmente uma orientação para que a pessoa descubra e perceba a autenticidade do chamado.

Na animação e no acompanhamento vocacional, não se exclui ninguém. Todo batizado foi chamado pelo Senhor para dar a sua vida de diferentes maneiras. Contudo, **a escolha da vocação consagrada requer uma boa dose de discernimento e maturidade das motivações.** É um projeto de vida que tem por objetivo não só o bem-estar temporal, nem a satisfação de fazer algo útil, nem mesmo o desejo de ter a consciência tranquila. São acompanhados por crentes totalmente dedicados ao serviço do Evangelho, que recebem um chamado do Senhor, dedicando-se “em tempo integral” à missão da Igreja, que receberam de Cristo

Por esse motivo, os sonhos vocacionais trazem consigo uma promessa e uma missão, mas também exigem um caminho de interpretação, purificação e esclarecimento.

Por onde começar? Quais os critérios para acompanhar um jovem que sente o chamado vocacional? Qual é o itinerário da viagem? É tarefa dos pilotos identificar as coordenadas em que voar e para onde dirigir-se. O terreno que sobrevoamos no acompanhamento vocacional inicial já é conhecido, mas deve ser repensado no tempo e no espaço de hoje.

Enquadremos a pedagogia vocacional a partir de três coordenadas que poderiam ser traçadas, como um plano cartesiano, para interpretar a direção em que devemos nos mover. Podemos dizer que o acompanhamento dos chamados é entendido como um itinerário que depende de um CONTEXTO (**correspondência à graça**), de um ACOMPANHANTE (**escuta de Deus que chama de forma mediada**) e de uma AÇÃO (**discernimento**). Todo sonho vocacional é entrelaçado e construído aos poucos ao redor desses três elementos.

Uma relação centrada num contexto: o mesmo processo vocacional

[a] É raro que alguém tenha uma vida espiritual bem estruturada no início do próprio itinerário vocacional. *Normalmente, o jovem possui várias motivações válidas: serviço aos outros, especialmente aos mais pobres; trabalho pelos jovens; gosto pela liturgia; exemplo a imitar de um sacerdote ou de uma comunidade; uma experiência significativa que coloque todas as forças interiores em movimento (um retiro espiritual, uma celebração prazerosa, um encontro de jovens etc.).* Essa mistura de motivações é normal no início, mas **deve ser acompanhada de uma experiência mínima de fé**, de uma atração espiritual subjacente, de uma “inclinação do coração” (*Christus Vivit*, 294) que é sentida mesmo que não possa ser plenamente definida ou explicada.

A pergunta central a fazer é: entre essas diferentes motivações, há algum sinal que tenha a ver com Deus? Existe alguma experiência, alguma inquietude espiritual interior, algum desejo ou intuição de Deus? **Na manifestação das motivações, a vida teológica aparece com simplicidade ou é algo imaginário?**

Para dizer com Dom Bosco: “Cada um pode escolher o que considera mais importante, mais adequado às suas forças físicas e morais, aconselhando-se com uma pessoa piedosa,

meios simples. Em seguida, é preciso distinguir se há uma dinâmica de autenticidade vocacional. De um lado, a consciência do chamado; de outro, a presença de motivações vocacionais, aquele conjunto de forças psíquicas que leva a agir em coerência com o chamado e a manter uma decisão: “o que eu quero e por que o quero”. As motivações válidas e autênticas, juntamente com a consciência do chamado, levam o jovem a abraçar a vocação de forma responsável, dinâmica e sempre melhorando.

A maturidade vocacional é, em última análise, decidida por um ato de fé. É certamente importante recordá-lo. Somente a partir disso mantêm-se unidos os extremos opostos: a certeza de ser chamado e a consciência da própria inadequação; o sentimento de perder a vida e encontrá-la de uma forma inimaginável; a grandeza das próprias aspirações e o peso das limitações e misérias; a graça de Deus e a natureza humana; Deus que chama e quem é chamado responde.

O realismo dos nossos primeiros sonhos vocacionais pode manifestar-se nesta incerteza, mas **um sonho fora do comum requer uma fé fora do comum.**

Uma mediação respeitosa que privilegia o “encontro pessoal”

[a] A relação de acompanhamento privilegia o “encontro pessoal”, instrumento ao qual se deve dar muita atenção. O nosso objetivo não deve ser apenas conhecer a pessoa espiritual, mas também integrar e unificar a sua história pessoal. Esse aspecto nem sempre é objeto de atenção explícita, mas é de enorme importância para a compreensão do significado do acompanhamento vocacional.

A primeira sensibilidade ou atenção à pessoa é escutá-la. Ela se nos entrega com as suas palavras. *O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao jovem.* Não é uma questão de quantidade, mas de que «o outro sinta que o meu

tempo é dele” (*Christus Vivit*, 292). Ele deve sentir que eu o escuto incondicionalmente, sem me ofender, sem me escandalizar, sem me irritar, sem me cansar.

Essa escuta é aquilo que o Senhor faz quando caminha com os discípulos de Emaús acompanhando-os por um pouco de tempo numa estrada que ia na direção oposta à correta (cf. *Lc 24, 13-35*). Devagar se vai ao longe: *o acompanhamento deve ser personalizado e gradual, adaptado à situação e ao ritmo do jovem.*

Ignorar as profundezas do coração é o inimigo do itinerário vocacional inicial. Somos **todos mestres do engano**, das “armadilhas do espírito mau” (*Christus Vivit*, 293): compulsões, obsessões, reações desproporcionais, feridas e fraturas. Todas essas coisas, se não forem trabalhadas no diálogo pessoal, tornam-se gradualmente crateras que nos impedem de seguir em frente porque engolem todos os nossos esforços.

Devemos ajudar a captar as oscilações do “sismógrafo interior” do jovem no campo da *maturidade humana que, como sabemos, ativa ou cria obstáculos à ação da graça.* A preocupação de Nossa Senhora com a formação humana de João - “Torna-te humilde, forte e robusto” - está bem enraizada no acompanhamento vocacional desde os primeiros passos do seu itinerário vocacional.

Pode-se dizer que em todos os sonhos vocacionais autênticos há **alguns componentes básicos** como gratidão, abertura à transcendência, questionamento sobre o sentido da vida, disponibilidade, confiança em si mesmo e nos outros, admiração diante da beleza e do altruísmo.

Esses componentes estão certamente na base de toda abordagem vocacional. E, com eles, os elementos que favorecem o conhecimento e a apreciação do chamado pessoal de Deus, das formas de vida cristã, bem como a

capacidade de chegar a escolher livremente uma dessas formas.

Nesse sentido, é necessário muito trabalho para *alcançar certa estabilidade pessoal sem dependências*. A identidade é sempre um processo ambivalente que envolve muitas tensões, mas é necessário ser capaz de administrar a relação com a família, o dinheiro ou o poder. Um mínimo de autonomia física, emocional, mental e social, permitindo que o jovem tome decisões concretas e faça escolhas conscientes e livres. Devemos acompanhar esses processos e ajudar o jovem a verbalizar as inevitáveis tensões, perguntas e conflitos nesse campo.

[b] As relações estruturam o itinerário vocacional, não só como caminho de amadurecimento da própria identidade humana, mas também da identidade de fé (o crente, o discípulo). No processo de amadurecimento vocacional de Dom Bosco, algumas relações tiveram um papel decisivo:

- não se pode compreender a sua vida interior sem a presença providencial e central de Mamãe Margarida, a sua mãe, que com simplicidade e determinação acompanhou o seu crescimento pessoal e religioso;
- a sua experiência com o Padre Calosso, o “amigo fiel da alma” (diz ele em suas *Memórias do Oratório*), ofereceu-lhe a oportunidade não só de reequilibrar a tensa situação familiar, mas também lhe permitiu conhecer um sacerdote digno, com quem estabeleceu uma relação pessoal que o marcou positivamente;
- o papel dos amigos na vida do adolescente e do jovem Dom Bosco foi assumido e integrado em seu processo formativo;
- durante a sua experiência formativa no Colégio Eclesiástico (residência para sacerdotes), Dom Bosco descobriu sacerdotes devotos que se distinguiam pela ciência e pela devoção apostólica. Entre eles, destaca-se o Padre

Cafasso, seu primeiro diretor espiritual. O sábio sacerdote acompanhou a sua formação, aconselhou-o nos momentos de discernimento, foi seu confessor e propôs uma série de experiências pastorais que enriqueceram a sua vida;

- por fim, a inteira rede familiar de Valdocco consistia em estabelecer relações por meio das quais ele construiu o seu ser sacerdote e o seu ser educador.

[c] Pode-se dizer, então, que para Dom Bosco o seminário não era um mundo fechado, pois os pontos externos de referência, como a situação da juventude carente em uma sociedade ferida, desempenhavam um papel sempre mais ativo na descoberta da sua vocação. **O contato com os jovens foi um momento de lucidez e de graça.** Com base nessa experiência, podemos dizer que os jovens o ajudaram a discernir a consistência e a relevância do seu projeto vocacional.

Em conclusão, **o amor pela missão salesiana entre os jovens e a capacidade de amar e doar-se é um critério vocacional visível:** o empenho gratuito pelos outros, especialmente os mais pobres e abandonados, o serviço espontâneo além do próprio bem-estar ou o interesse pelo mundo juvenil.

A sensibilização vocacional requer que os jovens vivam “*experiências de ruptura*” que os coloquem em contato com a exclusão e a vulnerabilidade, mas não se trata de propostas individuais e desconectadas entre si: são oportunidades de ouro para reorientar a vida na perspectiva da fé e em chave de generosidade evangélica. O mundo da pobreza e da dor torna-se um “alto-falante” eficaz que funciona como um despertar vocacional. De fato, tornou-se um centro nevralgico para a descoberta da própria vocação: o contato com esses mundos promove o despertar dessa sensibilidade e a compreensão da vida em termos de gratidão e serviço.

[d] Nesse contexto, para conhecer, verificar e acompanhar a adequação do jovem que acompanhamos, é necessário verificar **a sua disponibilidade para aprender**. O que significa uma avaliação realista das capacidades e possibilidades pessoais, mas também da disposição de abertura à mudança. Uma das perguntas mais importantes é: queres crescer, estás disposto a empenhar-te num processo que envolve permitir-te ser posto à prova? A passividade, a falta de transparência e uma estrutura de personalidade marcadamente defensiva não são as melhores posturas. Os sinais positivos, por outro lado, são a flexibilidade, a criatividade e a abertura à novidade, a disposição ao diálogo e a reflexão sobre as experiências vividas.

Não é irracional pensar que os narcisistas - aqueles que tendem a fechar-se em si mesmos, a preocupar-se excessivamente consigo mesmos e a usar os outros para os seus próprios fins - sejam incapazes de dar uma resposta vocacional gratuita e desinteressada. É extremamente perigoso mover-se na *lógica do egocentrismo*, aquele dispositivo que leva a pessoa a ser governada pelo cálculo dos interesses e ter como objetivo apenas a busca do maior benefício para si mesmo. O ego não é apenas o ponto de partida, mas muitas vezes também o ponto de chegada, o critério pelo qual são medidas todas as outras realidades.

Uma ação finalizada ao “discernimento vocacional”

O discernimento pode ser definido como o exercício que nos permite encontrar significado nos eventos disjuntos e fragmentados da nossa existência. Somos constantemente confrontados com situações, eventos, relações e percebemos a falta de algo; não conseguimos entender exatamente, não conseguimos encontrar respostas, falta-nos clareza. É exatamente essa falta que gera e coloca em ação o discernimento.

O ponto de partida é, portanto, a consciência de uma falta de sentido. Essa falta pode ser lida em termos positivos como um desejo. **Empreendemos um caminho de discernimento porque desejamos encontrar a resposta que não temos**. Aqueles que afirmam ter tudo claro ou controlar tudo jamais darão espaço para o desejo e jamais embarcarão em um caminho de discernimento.

[a] Além disso, esse argumento faz parte de uma realidade mais concreta: **o discernimento requer tempo, autenticidade e paciência**. Entendemos então por que o discernimento não está na moda. As pessoas, dentre as quais os jovens fazem parte, preferem confiar na espontaneidade, mas a espontaneidade nunca é autenticidade. Somos autênticos quando reconhecemos os ventos que sopram em nosso barco e decidimos sobre o modo de usá-los para ir aonde escolhemos ir. Se, por outro lado, nos deixarmos levar pelos ventos, sem reconhecê-los ou usá-los, acabaremos em praias que não escolhemos ou até mesmo colidiremos com os escolhos.

Vale a pena lembrar, como nos ensina a parábola do trigo e do joio (cf. *Mt 13, 24-30*) que, no início elas são duas plantas semelhantes; devemos esperar para ver o que tira ou dá a vida. O mesmo aplica-se a nós: precisamos olhar para dentro de nós mesmos e gradualmente tomar consciência do que vem de Deus e do “joio” que não vem d’Ele. Mas, em algum momento, haverá clareza suficiente para podermos decidir, e nesse momento temos a responsabilidade de fazê-lo.

[b] **Não podemos entender o sonho de Deus para cada um de nós sem entrar em diálogo com Ele**. Muitas vezes, para descobrir quem somos, preferimos refugiar-nos em lugares desconhecidos e distantes.

Se Deus é “*intimior intimo meo*” (Agostinho), aqueles que vivem na superficialidade

não estão humanamente preparados para acolher o **dom gratuito de seu chamado**. O ativismo, o abuso de estímulos que amortecem a capacidade de silêncio e recolhimento são algumas das atitudes e comportamentos atuais que tornam lenta ou atrasam a entrada nessa profundidade, onde Deus é descoberto como o Tu que nos dirige um chamado.

Em todo processo vocacional, temos a obrigação de oferecer espaços onde os jovens possam *experimentar o silêncio e o encontro com Jesus Cristo*. Elias (1Rs 19,9-14), em sua vida cheia de zelo pelo Senhor, era como um vento forte e um fogo consumidor. Sua palavra era uma espada afiada. Ele percorreu toda a terra onde vivia, trovejando e ameaçando. Realizara muitas coisas. Destruiu altares de ídolos; trouxe o povo judeu de volta a uma experiência religiosa autêntica; não se deteve nem sequer diante dos poderosos. Busca Deus para ser reconhecido por Ele. E Deus renega-o. E diz-lhe: és um fogo, um terremoto, um vento impetuoso. Lembra-te: eu não estou ali. São ações tuas, não minhas. E Deus acrescenta para o seu profeta: estou na brisa suave, que nem sequer percebes.

Sonhos, projetos, empreendimentos, programas e aventuras... são coisas belas, importantes e preciosas. Representam um pedaço de nós mesmos, contudo é somente quando retornamos, com coragem, à verdade de nós mesmos que experimentamos a presença de Deus.

[C] Por isso seria ingênuo pensar que toda oração seja oração cristã. A oração é uma manifestação da vida teologal; não se trata simplesmente de preparar um ambiente com imagens, acender velas, ouvir música e concentrar-se, ou coisas do gênero. Tudo isso é de certa forma indispensável, mas não é a substância da oração. A oração é uma atitude de despojamento, de deixar que Deus seja o centro de minha vida.

Como se disse, é importante dialogar com o Senhor para aprender a conhecer os seus tempos, não desperdiçar inspirações para fazer o bem ou, quem sabe, não ignorar o seu convite a crescer. Nesse sentido, como é importante alcançar *uma familiaridade habitual com a Palavra viva do Evangelho!* A fome de Deus não é uma questão de cultura bíblica. Trata-se de ver a própria vida do ponto de vista de Deus. A Palavra de Deus é sempre a fonte de todo crescimento vocacional.

A leitura vocacional da Palavra de Deus é fundamental. Trata-se de iniciar os nossos jovens na experiência diária e contínua da oração pessoal e de grupo com a Palavra. Deverá ser necessariamente uma atividade acompanhada e guiada, sobretudo no início.



O encontro com a Palavra completa a evangelização do coração. Por isso, não basta purificar a minha interioridade, mas é necessário “repovoá-la” com a vida e os valores do Evangelho. De que me serve ter lido livros de história da arte se nunca fui a um museu, se não sei ouvir e apreciar uma peça musical?

4 “Eis o teu campo, onde deves trabalhar”

O sonho dos 9 anos convida Dom Bosco a uma vocação vivida com paixão, sem poupar esforços e sem cálculos; o apego e a dedicação do educador-pastor ao seu povo **não se mede por respostas rápidas** (“não com pancadas”), mas está **ligado ao afeto com que se liga às pessoas** (“mas com a mansidão”).

Os jovens são sonhadores entusiasmados. Na verdade, eles são os sonhadores por excelência. E nós temos o dever de despertar neles essa capacidade. Sonhar com um futuro positivo requer *uma boa dose de esperança lúcida e eficaz*, ingredientes sempre mais difíceis de encontrar em nosso ambiente. Em outras palavras, os sonhos devem transformar-se em projetos, pois ao só permanecerem sonhos, decepcionam.

Ser chamado é o pré-requisito para ser enviado e leva a isso de modo irremediável.

Entre os vários casos, detemo-nos na história de Jonas, contada em seu breve livrete de quatro capítulos. É uma história envolvente e cheia de surpresas (a tempestade, o peixe que engole Jonas, a mamona que seca). É um romance didático, um conto parábólico, mas também um ícone: somos chamados a reler as nossas vidas à luz dessa parábola particularmente provocatória nos primeiros momentos do sonho vocacional.

Jonas é um homem desorientado, perdido e cheio de medos. Deus mostra-lhe os seus erros de perspectiva, especialmente quando pensa em si mesmo e não nos outros, sem estender o olhar à grande cidade. A vocação pessoal só adquire sentido e valor no horizonte da vocação humana.

Os nossos jovens estão aí, à porta de Nínive, para entrar com paixão e solidariedade, companheiros da vocação de todos os homens, ou para ficar à espera sabe-se lá do quê.

A postura de “saída” deve ser entendida como uma inquietação que o Espírito Santo coloca naqueles que foram chamados a deixar para trás as próprias seguranças. É o chamado para sacudir a poeira que grudou nos pés e que não faz parte da essência da missão para a qual somos chamados. *Olhar para a beleza do céu sem perder a terra de vista.*